



O SENTIDO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Algumas reflexões.

Renata Silva Pamplona¹

José Sílvio de Oliveira²

RESUMO O presente texto tem como objetivo pensar a natureza da educação na contemporaneidade. Busca-se estabelecer possíveis relações desse conceito com o sentido da *práxis* pedagógica na escola, que implica diretamente no processo formativo do/a professor/a e do/a aluno/a. Esse processo muitas vezes tem resumido numa avalanche produtiva de textos e artigos, livros e revista, teses e dissertações, saberes e conhecimentos que descaracterizam o fazer do/a professor/a e do/a aluno/a. Em detrimento da cultura e da verdadeira formação humana o viés investigativo elucidada, a partir de alguns princípios constitucionais, a relação entre esse fazer pedagógico que se tornou profundamente mercadológico. Os congressos, os eventos, os encontros, os colóquios, são *lócus* de venda e troca de saberes e conhecimentos reeditados e publicizados nos milhares e milhares de periódicos impressos e eletrônicos do mundo midiático. É nesse emaranhado de sutilezas, muitas vezes esvaziadas de sentido, que tem se dado o entendimento da relação pedagógica, da escola e da educação.

Palavras-chave: Educação, cultura, *práxis* produtiva dos saberes.

ABSTRACT This paper aims to reflect the nature of education in contemporary society. Seeks to establish possible relationships of this concept with the meaning of pedagogical praxis in school, which directly implies the formation process of the / a teacher / a and the / a student / a. This process is often summarized in an avalanche production of texts and articles, books and magazine, theses and dissertations, knowledge and expertise to do the descaracterizam / a teacher / a and the / a student / a. At the expense of culture and real human development bias investigative elucidates, from some constitutional principles, the relationship between this pedagogical practice that has become deeply merchandising. The congresses, events, meetings, symposia, are locus of sale and exchange of knowledge and expertise reissued and publicized in the thousands and thousands of print and

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar / PPGE. Bolsista do CNPq. Mestre em Educação UFSCar/PPGE. Endereço eletrônico: renascersempre@hotmail.com

² Professor da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. Doutorando em Educação UFSCar/PPGE. Mestre em Educação UFG, Especialista em Comunicação Social USF Licenciado em Filosofia pela FEBE/SC. Graduado em Administração em Empresas Rurais pela UFLA. Endereço eletrônico: jssilvinho@hotmail.com

electronic journals in the world media. In this tangle of deceit, often emptied of meaning that has been given the understanding of the pedagogical relationship, school and education.

Key-Words. Education, Culture, productive praxis of knowledge.

Introdução.

O objetivo desse trabalho é pensar o sentido da educação na sociedade contemporânea, longe de pretensões conclusivas, partilhamos de um caráter conceitual introdutório. Assim, antes de qualquer outra consideração, entendemos que pensar a educação na contemporaneidade é adentrar num território desafiante, complexo, e de muitas sutilezas, e, portanto, torna-se preciso voltar o olhar para essa dimensão, para as nuances que engendram o sentido da educação. Falamos e criticamos o mercado e não damos conta que a escola tornou-se um mercado produtivo de livros, artigos, textos, monografias, teses e dissertações. Os periódicos triplicaram com o mundo da internet. Não é necessário dizer que a educação configura-se como uma das maiores problemáticas a ser pensada em nossa atualidade. Essa se desdobra em um problema cultural e histórico. Sem dúvida, é uma questão política acima de qualquer outra coisa. A realidade educativa contemporânea, considerada como base fundante para a reflexão, nos últimos vinte ou trinta anos tornou-se uma referência mundial em todos os âmbitos. Muito se perguntou e se pergunta sobre o sentido da educação e sua identidade, no entanto, as respostas têm sido tautológicas, inconsistentes e vazias, diante sua realidade cada vez mais complexa. Por sua vez, a instituição escola tornou-se desacreditada, há a instalação de uma crise, sobretudo nas sociedades ocidentais modernas. Em toda parte, seja qual for o país, o problema escolar se manifesta assumindo formas diversas.

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes conseqüências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas.³

É desafiante dada à incerteza que impera na atual sociedade, com suas intensas transformações no cenário cultural, social, econômico e político. Complexo, pois existe um emaranhado de questões postas, como uma espécie de teia, na qual qualquer pequena alteração é responsável por importantes redimensões no todo, típico de uma sociedade capitalista globalizada. Por sua vez, as sutilezas, se situam diante da conotação do discurso, da linguagem, a qual é produzida em territórios de poder e saber. Os quais permitem disputas, jogos, manobras, em vista de interesses específicos e da produção e controle de determinados saberes. Assim, tonar-se- comum, corriqueiro, a perda do sentido do caminho trilhado ou a se trilhar. Soma-se ainda a essas primeiras linhas introdutórias, outra consideração fundamental, que é a dimensão temporal-histórica. A educação na atualidade só pode ser pensada a partir da observância de suas dobras do passado e dos projetos que se propõe ao porvir. Como um labirinto, esse território é definitivamente difícil de trilhar, sempre corremos o risco de ficar presos às artimanhas dos discursos e de uma intelectualidade banal e efêmera. Em outras palavras, a educação e também a escola estão situadas entre os empreendimentos já realizados pelo homem, e necessariamente, por seus planos futuros.

1.1 As origens do sentido educativo

³ ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2.ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 132.

As informações mais antigas sobre o sentido da educação, bem como a natureza da escola são derivadas do período arcaico da história de nossa civilização, advindas do oriente, o que na verdade se constitui como berço da instrução e da cultura. De fato, é dali que temos as primeiras informações sobre a educação, de lá emana uma cultura e uma literatura sapiencial, cujo conteúdo educativo retrata uma verdadeira escola regada pelas classes dominantes. A educação e a escola se apresentam como realidades vivas presentes na vida humana e desde as suas origens ela se constitui como uma questão, e, portanto como um problema a ser pensado em sua esfera coletiva, histórica, cultural e política. Desde o início a educação foi pensada, a realidade formativa não é uma questão nova, já nos tempos de Homero, na cultura grega, entre os séculos V e IV, a. C, o sentido educativo já era uma referência, quando oferecia a imagem do herói a ser imitado e perseguido. “A educação grega configura uma página original da cultura ocidental como um todo.”⁴ Sem querer adentrar numa reflexão de cunho filosófico mais específico, apenas a título de esclarecimento, como bem sabemos, a Grécia antiga traduziu o sentido de uma educação consciente que Werner Jaeger expressou sabiamente em *Paideia*: a formação do homem grego. Com os sofistas, com Sócrates, com Platão e com Aristóteles, a educação passa a ser uma reflexão constante. É o sofista Protágoras o primeiro a propor a questão educativa. Platão em *Protágoras* define a finalidade da educação que é senão educar os homens - (παιδεύειν ἀνθρώπους) A partir daí, as origens gregas se encarregaram de pensar os fundamentos da educação e chega até nós. De lá para cá, considerando todas as transformações e mudanças, o sentido da educação está sempre ligado à concepção de *Paidéia*. Werner Jaeger ao refletir sobre o lugar dos gregos na história da educação, expressa:

A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transformação da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação como o homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impede todas as

⁴ NUNES. Cesar Aparecido. “O pedotriba e a educação física antiga: o primeiro professor, a primeira paidéia, e o pecado original.” In: **Filosofia da Educação.(Online)**. ISSN 1984-9605. Campinas, v 1 número especial de lançamento, p. 157 - 163. Outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe>> Acesso em julho de 2013.

espécies vivas à conservação e propagação de seu tipo. É nela, porém, que essa força atinge o mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade, dirigida para a consecução de um fim.⁵

Na realidade contemporânea a educação se organiza ou se efetiva na dimensão do trabalho, das instituições, do mercado financeiro, da política, da economia, da cultura e, sobretudo no processo formativo. Buscamos a partir de alguns princípios *da Constituição Federal*, da *Lei de Diretrizes de Bases* e do *Plano Nacional de Educação*, traçar uma linha investigativa generalizada sobre o sentido da educação a partir da própria experiência de sua *práxis*. A qual nos leva a pensar, de forma indispensável, algumas ideias que motivam e, ao mesmo tempo, corroem a vida dos nossos alunos, alunas, professoras e professores em todos os níveis da formação escolar de nosso país.

Na Constituição Federal logo no artigo primeiro, a cidadania e a dignidade da pessoa humana são fundamentos básicos para a promoção do bem de todos no artigo 205, e os seguintes expressam o direito de todos à educação. De acordo com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, são princípios e fins da educação: *preparar o indivíduo para a cidadania, a compreensão e exercício para o trabalho mediante a cultura*. Referindo-se aos princípios e aos fins da educação, o artigo segundo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, estabelece: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e para a qualificação do trabalho.” No *Plano Nacional de Educação* são objetivos: *eleva o nível de escolaridade em todas as fases de ensino, promover a melhoria desse e reduzir as desigualdades sociais*. Embora estas ideias tenham um caráter de legalidade, e apresenta-se como algo trivial e até mesmo elementar e repetitivo, tais ideias se constituem fundamentalmente para a presente reflexão, pois, é esse trivial que ninguém quer enxergar.

⁵ JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4ª ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3.

Grande parte de nossos intelectuais - doutores, doutoras das ciências humanas parece estar demasiadamente distante da vida que borbulha na *práxis* educativa de cada aluno e aluna. Passam a vida toda na graduação, na pós-graduação, estudando e pesquisando sobre os mais diferentes temas, quando, porém voltam para propor à *práxis* pedagógica, sentem-se orgulhosos, sentem-se maiores que os outros e distantes dos ideais constitucionais. Esses ideais constitucionais parecem a cada dia mais se esgarçarem; o sentido dado à liberdade, ao exercício da cidadania, ao direito à educação, ao exercício do bem comum, fica esmaecido, corroído, sem sentido e sem significância.

Ao pensar a natureza e o significado da educação, a dimensão educativa da escola e o trabalho que esta realiza, se pode perguntar o que tem prevalecido como meta e prioridade na sociedade contemporânea, o sentido de educação entendida como *paidéia*, cultura, formação humana integral ou o sentido da racionalidade instrumentalizada do monopólio do mundo produtivo? As palavras, educação, direito a escola, condição humana correm de boca em boca, porém, cada vez mais perdem seu valor. Os dizeres de Max Horkheimer expressam: “[...] a tendência moderna de traduzir qualquer ideia em ação, ou em abstinência ativa de ação, é um dos sintomas da atual crise da cultura.”⁶ Isso é visível em nossas escolas. Não precisa de pesquisa para enxergar essa realidade, ela não está vendada. Ela salta os olhos.

Não é necessário dizer que o sentido de ser professor na contemporaneidade ganhou um significado essencialmente produtivo, da mesma forma podemos dizer do sentido de ser aluno, ele também não passa de um produto. Essa é uma outra realidade que escancara com o sentido verdadeiro de educar. Muito tem se falado no mundo universitário e cobrado dos pesquisadores a necessidade da produção intelectual. O texto da Medida Provisória nº. 295, de 29 de maio de 2006, Portaria nº. 7, de 29 de junho de 2006 do Ministério da Educação, que regulamenta nas universidades federais a carreira e o magistério do docente, apresenta uma nova postura acadêmica no Brasil. O professor hoje passa a ser avaliado muito em razão de sua produção intelectual. Nesta ótica e proporção, o aluno também passa a ser avaliado em razão de sua *competência* produtiva.

⁶ HORKHEIMER, Max. **Eclípsa da Razão**. Tradução. São Paulo: Centauro, 1946.

Diante de milhares de publicações de dissertações e teses universitárias, atualmente percebemos um esvaziamento do valor de se realizar de fato uma pesquisa, pois os trabalhos têm se caracterizado como cópias ou mero diagnóstico de uma suposta realidade. Pouca coisa de útil se aproveita nesses textos e pouco se lê do que ali é produzido. Esse turbilhão serve somente para classificar e rotular um mundo do faz de conta. Acredite quem quiser!

Por vezes o conceito de educação se apresenta como algo de domínio universal, como se percebe nos relatórios da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura), dito e trabalhado por todos e em todos os países, inclusive na *Lei de Diretrizes de Base, no Plano de Educação Nacional*, e, portanto de acesso fácil. Podemos, no entanto, questionar se essa noção prioriza uma educação ampla e uma escola realmente educativa? Um exercício de cunho filosófico, talvez permita essa resposta. Quando se interroga o homem sobre quem ele é, parece haver um embaraço quanto a isso, pois essa resposta não é evidente como pode parecer; analogicamente pode-se imaginar outra situação, em que dessa vez a questão posta seja: o que é educação? Alguém apressadamente pode se colocar a responder, mas logo perceberá a árdua tarefa. Ainda que se utilize a palavra educação de maneira tão cotidiana, casual, parece que a seriedade e profundidade de sua compreensão escapa a essa pretensa facilidade. Os termos, nomeações, findam-se muitas vezes no vazio, no não-dito, na insignificância. Torna-se moeda de ouro para possíveis negociações mercantis, como as políticas, comerciais e financeiras. Mas, ainda que esse terreno conceitual se apresente num lócus pantanoso e obscuro, uma certeza se afirma. Não há homem, sociedade, invenção, criação, cultura, sem a educação. Como expressa Immanuel Kant, em sua obra, *Sobre a Pedagogia*, “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. É a única criatura que precisa ser educada.”⁷ Na perspectiva kantiana vê-se que o homem se faz homem pela educação, e essa por sua vez se situa numa realidade cultural específica, em que ao mesmo tempo em que o homem cria cultura é criado por ela. Responder o que é educação é situar-se nos processos

⁷ KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 3ª Ed. Tradução. Francisco Cook Fontanella. São Paulo: Editora UNIMEP.2002. 444.

culturais que a constitui. O homem não é somente um ser de produção, mais do que fazer *know-how*, ele também um ser de relações, é essencialmente social, histórico e cultural. A educação não pode se restringir ao mundo do saber fazer, mas deve pensada a partir de e em sua inserção na cultura.

Etimologicamente, a palavra cultura tem sua raiz no verbo latino *colere* que significa instruir, cultivar, cultivo, significado esse ligado inicialmente às atividades agrícolas. simultaneamente *colere* significa cuidar, habitar, tomar conta e preservar, conjunto de significados relacionados com o modo e com a maneira de o homem entrar em contato com a natureza. O verbo *colere* entendido como cultivo, cultivar e preparar a terra, o solo, também pode ser entendido em sentido da expressão *cultus manis* que significa culto aos deuses e aos mortos. Hannah Arendt, referindo-se ao conceito de cultura da Antiguidade romana, afirma que o termo não se esgota estritamente com elementos propriamente romanos, mais do que cultivar a terra, o solo ou o culto aos mortos, revela uma “atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem.”⁸ Entendido assim a cultura tem uma finalidade educativa, no dizer de Immanuel Kant, no dizer de Immanuel Kant, “[...] quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem [...]”⁹

Questionar pelo que é a educação é antes então fazê-lo em consonância com um *locus* determinado; com seus valores, regras, códigos, pactos, querer, desejos. A educação é aquilo que determinada cultura, povo, almeja para si, para a formação de suas crianças, adolescentes, adultos e idosos. Aquilo que se pretende alcançar, para onde se deseja seguir. Se, “a educação, portanto, é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens.”¹⁰, não se pode pensá-la sem rigor, mas por uma reflexão permeada fundamentalmente pela crítica e contestação.

⁸ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**,. 5.ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 265

⁹ KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**, 3ª Ed. Tradução. Francisco Cook Fontanella. São Paulo: Editora UNIMEP.2002. 444.

¹⁰ KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 3ª Ed. Tradução. Francisco Cook Fontanella. São Paulo: Editora UNIMEP.2002. 446.

No entanto, esse caminho não é linear, certo e preciso. A teia¹¹, nomeada por Geertz, em seu livro *Interpretação das Culturas* (1989) precisa ser retomada; além da cultura, apresenta-se também o multiculturalismo, a pluralidade cultural, a globalização e neoglobalização, empreendidos pela consolidação do sistema capitalista, intensificado pelos ideais da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, pelas marcas deixadas pelas guerras mundiais, pelo fascismo, nazismo e suas mazelas.

Por um lado, a reflexão cultural e educacional é inseparável da justiça, da responsabilidade, da liberdade, da cidadania, da solidariedade, da equidade da amizade, enfim, dos direitos e deveres dos homens, na perspectiva pessoal e coletiva. Indagar o que é cultura é perguntar também pelo sentido e gênese da educação e da escola, ao mesmo tempo é questionar e contestar o sentido e a finalidade da educação. No momento em que o monopólio do mundo produtivo e tecnológico se apropria da razão, dos conceitos, do próprio sentido formativo a escola e a educação escorregam ladeira abaixo. Ao se apropriar do sentido educativo mais sublime, faz dela instrumento do *knowhow*, é preciso perguntar em que medida as finalidades das políticas educacionais, o sentido da educação e o trabalho da escola não estão sendo modelados segundo essa lógica. É então, uma questão controversa e profundamente intrincada. No movimento contraditório da história, não se pode pensar a cultura apenas como um conceito antropológico; ou a educação, sem antes ter aprofundado a reflexão sobre a cultura em sua totalidade, que se impõe e exige radicalidade.

Por outro lado, a crença extremada no poder da racionalidade, da tecnociência, e suas promessas deslumbrantes e sedutoras, infiltraram a mente e o coração do homem, esse já não se vê senão no meio dessa grandiosa e intrincada realidade. De acordo com Max

¹¹ Com o advento dos novos estudos sociais e antropológicos, recentemente Clifford Geertz formulou a noção de cultura entendida e interpretada no plano do simbólico, ou seja, a partir da realidade social, cuja dimensão se refere ao mundo não-material. A noção de cultura é então interpretada também a partir do sentido e das significações. A cultura passa a ser compreendida e a designar toda a forma de vida de uma coletividade, a produção da linguagem, das idéias, das palavras, dos gestos, dos desenhos, da música, dos ritos, dos objetos. Qualquer coisa que seja utilizada para atribuir significado, forma o mundo da cultura e põe os indivíduos em comunicação. Segundo Geertz, a cultura não pode ser entendida como expressão instrumentalizada da existência humana, não pode ser uma ciência experimental, mas deve ser interpretada como teias de significados que o homem ao longo da vida vai tecendo. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Horkheimer, em sua obra *Eclipse da Razão* (2000), a questão da racionalidade instrumental moderna, pode ser traduzida como um sintoma da atual crise da cultura, em que a ação só pela ação de modo algum é superior ao pensamento. Ao tentar suprir a lógica da razão instrumental rompe-se com as ciências humanas e com a cultura em sentido amplo. Para Max Horkheimer a idéia de progresso, tal como é entendida na sociedade moderna, não revela o sentido e oblitera a substância da razão.

De maneira que pensar a educação contemporânea é também pensar a educação desse novo ser conectado e do ser desconectado, aquele que está à margem da própria sociedade virtual ou da cidadania num sentido amplo. Nesse sentido, faz-se preciso interrogar o que quer esse homem, para onde caminha? Uma nova educação ou outro sentido de educação precisa se originar? A questão posta por Theodor Adorno, em sua obra, *Educação e Emancipação*, se mostra pertinente, quando o mesmo interroga: “Para onde a educação deve se conduzir?”¹² Adorno defende a idéia de uma educação que possibilite a emancipação humana e da necessidade de desbarbarização, compreende a barbárie como o atraso de sociedades que embora altamente desenvolvidas tecnologicamente se vêem atrasadas em sua própria civilização. Sociedades que intensificam o modelo de competição em suas instituições, em especial, as escolares, em detrimento de uma educação humana.

A civilização contemporânea é movida pelo mundo dos objetos, pelo tecnicismo, pelo utilitário, pelo pronto e acabado, pelo efêmero. Nesse sentido a escola e sua prática educativa devem ser conduzidas por estratégias que humanizem o homem. Por sua vez a educação deve ser compreendida como um processo de humanização. É preciso que o homem deixe de ser a coisa *coisamente*, expressa na poesia, *Eu Etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade e que não mais peça que retifiquem seu nome, a não ser para deixar de ser a coisa e se tornar sujeito humano. Daí a necessidade de pensar o sentido da educação, da escola e, portanto da práxis pedagógica quando se pensa as humanidades.

¹² ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2.ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.139.

A educação promove e dimensiona costumes, hábitos, práticas, tendo em vista a finalidade da existência humana, orienta e redimensiona o caráter, a maneira de ser e morada do homem. Sendo assim, pode-se dizer que a cultura dá ao homem a capacidade de dirigir sua vida à luz da produção dos saberes, das virtudes, de princípios, critérios e valores. A reflexão sobre a educação não se separa das questões históricas, políticas e culturais. É um processo que acontece em todas as sociedades e culturas, um fenômeno inerente ao homem como ser social e histórico. No dizer de Kant, “[...] a educação é uma arte cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações.” Portanto a educação é sempre criação e recriação do novo. Culturalmente é criação e recriação de novos costumes, práticas, hábitos, maneiras de ser. Deve ser aperfeiçoada pela geração seguinte, a educação entendida como arte, tem sempre a finalidade de criar homens e mulheres virtuosos por hábitos. Entendida dessa forma a educação abrange toda a cultura.

Ao pensar a educação a partir da dimensão cultural, se faz necessário um esclarecimento do termo cultura, sobretudo do seu significado, natureza, sentido, e de suas relações dentro do contexto da educação e da escola. O que significa educar, formar e instruir homens, mulheres, jovens e crianças dando ênfase à dimensão cultural? Uma das inquietações centrais da sociedade contemporânea é a questão cultural. “Cultura é, provavelmente, o mais amplo de todos os conceitos usados nas ciências sociais e históricas. Ela abrange uma vasta gama de conotações, e, com, isso se constitui talvez a causa de muitas dificuldades.”¹³ Nessas circunstâncias a história do homem é sempre o domínio do risco, do possível e da liberdade. Essa condição torna-o livre para fazer, criar e inventar, mas sem uma previsibilidade, pois dele se pode esperar o mais inesperado possível. É essa a condição de o homem se efetivar em sua existência cultural. Então ele cria, recria e pensa o mundo, os costumes, as práticas, as normas, os valores, as idéias, o pensamento.

Ao criar e recriar a cultura, o homem tem a possibilidade de se construir, de inventar, de fazer diferente o comum, o banal, o trivial. Essa possibilidade não é determinante, mas dinâmica, é criação do novo. Pensar estas provocações colocadas contemporaneamente é,

¹³ WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como um campo de batalha do sistema mundial moderno. FEARTHERTONE, Mike. **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade p. 41.

em outras palavras, uma tentativa de compreender a busca do sentido da própria existência humana, seja na esfera individual ou coletiva, preocupar com o ensino, com a socialização e criação de conhecimentos e saberes, não em seu sentido pronto e acabado, mas a partir de uma busca incansável do saber. “Ao conferir significado ao mundo e transformá-lo, ao criar e compreender a obra cultural, ele se afirma como sujeito da história e da cultura, ao mesmo tempo em que emergem as dimensões pessoal, histórico-social e universal da cultura.”¹⁴ O homem tem a possibilidade de concretizar e de inventar o homem, a sociedade, pode e deve construir sua morada simbólica na sociedade, nas relações sociais.

É neste território desafiador que se terá que trilhar, ainda que não se consiga vislumbrar seu norte, é por ele e nele que se procura desvendar as armadilhas teóricas e científicas no campo das humanidades. A complexidade do processo educativo sempre foi e é uma tarefa árdua, não se irá e nem se pode resolver os problemas de um dia para o outro, mas mesmo assim é essa a empreitada. E na sutileza da teia e do emaranhando educativo que devemos caminhar, cientes de ser essa uma tarefa que nos situa numa trajetória composta por temeridade, inquietações, angústias, mas que nem por isso nos impossibilita o agir e o reinventar novas possibilidades, sobretudo aqueles que priorizem o a beleza e a diferença do ser humano.

¹⁴ COÊLHO, Ildeu Moreira. A educação, a cultura e a invenção de uma outra escola. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO DO CENTRO OESTE, 6, 2003, Campo Grande. Anais Eletrônicos... Campo Grande. 2003. p.1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2.ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**,. 5.ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COELHO, Ildeu Moreira. A educação, a cultura e a invenção de uma outra escola. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO DO CENTRO OESTE, 6, 2003, Campo Grande. Anais Eletrônicos... Campo Grande. 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução. São Paulo: Centauro, 1946.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta o que é o iluminismo. In: _____. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Trad. Artur Morão. Lisboa. São Paulo: Edições 70, 1995.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 3ª Ed. Tradução. Francisco Cook Fontanella. São Paulo: Editora UNIMEP.2002. 444.

NUNES, Cesar Aparecido. “O pedotriba e a educação física antiga: o primeiro professor, a primeira paidéia, e o pecado original.” In: **Filosofia da Educação.(Online)**. ISSN 1984-9605. Campinas, v 1 número especial de lançamento, p. 157 - 163. Outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe>> Acesso em maio de 2013. Acesso em julho de 2013.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como um campo de batalha do sistema mundial moderno. FEARTHERTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**.